

Em 2006, o agrupamento vocal e instrumental belga Capilla Flamenca gravou um CD fascinante que viria a obter os mais importantes prémios da crítica internacional. Tratava-se “Canticum Canticorum”, um percurso musical pela polifonia dos séculos XIV a XVI, inspirada no Cântico dos Cânticos, cuja extraordinária poesia tem servido de inspiração ao longo de mais de dois milénios para artistas de vários quadrantes. Este mesmo programa, com pequenas variantes, será apresentado esta noite, às 21h45, na Igreja Românica de São Pedro de Rates integrado no 32º Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim, onde a Capilla Flamenca faz a sua estreia.

“Há muitos anos que o extenso repertório musical criado à volta do Cântico dos Cânticos nos atrai e preenche muitos dos nosso projectos”, disse ao Ípsilon o baixo Dirk Snellings, que é também o director artístico do grupo. “Trata-se de uma obra poética fantástica, antiquíssima, certamente bem anterior ao Antigo Testamento. É possível que se inspire numa ideia egípcia, que depois passou para os gregos, a seguir para os hebreus e depois para a Bíblia.” Snellings recorda que se trata de um dos mais belos textos sobre o amor da civilização ocidental e que encontramos música inspirada no Cântico dos Cânticos ao longo de quase toda a história da música, desde melodias de cantochão concebidas no século VIII até aos compositores do nosso tempo. “As hipóteses de escolha eram imensas mas como somos um grupo especializado em polifonia procurámos a conexão entre o cantochão e as primeiras versões polifónicas, avançando depois até ao século XVI”, explica.

Entre os primeiros compositores a realizar versões a várias vozes de excertos do poema encontra-se o inglês John Dunstable (c. 1390-1453). O seu exemplo foi seguido no continente por figuras como Guillaume Dufay e pelos seus contemporâneos da Escola da Borgonha no século XV. “A partir daí nunca mais pára. Nos finais da Idade Média e inícios da Renascença os poemas são frequentemente transpostos para o culto mariano, faz-se uma ponte entre o amor físico e o amor espiritual, mas no século XVI é a dimensão sensual que é mais enfatizada”, diz o director artístico.

Como uma Missa

Tal como sucede no disco, o alinhamento do concerto é construído como uma espécie de Missa, já que existia uma tradição oriunda de Milão em que secções do Próprio da Missa como o Intróito, o Gradual ou o Alleluia podiam ser substituídas por motetes, ou seja, por composições livres sobre outros textos. “Era a chamada ‘Missa substitutio’. Partimos dessa ideia para o encadeamento das peças, que são todas de altíssima qualidade, como se o Cântico dos Cânticos tivessem inspirado a música das músicas.” O programa inclui obras de John Pyamour, John Dunstable, Johannes Prioris, Francesco da Milano, Jacquet de Mântua, Louis Compère, Alexander Agricola, Adriaen Willaert e Henrich Isaac, entre outras.

Para acompanhar as quatro vozes masculinas da Capilla Flamenca, Dirk Snellings optou pelo alaúde, uma vez que se trata de um instrumento “com qualidades muito poéticas e expressivas”. “É frequente encontrarmos versões para alaúde e para instrumentos de tecla destas canções e o alaúde tem

“Há muitos anos que o extenso repertório musical criado à volta do Cântico dos Cânticos nos atrai e preenche muitos dos nosso projectos”, diz Dirk Snellings. “É uma obra poética fantástica”

também uma função harmónica de apoio. Achei que era o ideal para realçar o significado desta poesia sublime sobre o amor”, explica Snellings.

Quase todos os programas da Capilla Flamenca obedecem a percursos temáticos, resultam de apurada pesquisa musicológica e reflectem uma técnica vocal apurada e um forte sentido estético. Para Dirk Snellings, os membros de um conjunto polifónico necessitam de ter qualidades especiais como “o controlo total sobre a voz e a sonoridade, a capacidade de transmitir emoções e saber ouvir os outros pois só assim se pode obter uma boa fusão com as vozes em volta”. Cantar música antiga é uma tarefa especializada que exige o conhecimento dos vários temperamentos ou afinações usadas ao longo da história, bem como das notações antigas. No entanto, no momento da execução o grupo usa transcrições modernas. “Consultamos sempre os originais e os nossos cantores sabem decifrá-los

mas acontece que há notações de grande complexidade, como a notação rítmica da Ars Subtilior no final do século XIV. Na interpretação preferimos não ficar presos a essa complexidade e concentrar o essencial da nossa atenção na audição e na qualidade do trabalho de conjunto.”

Nascidas da improvisação

Do seu percurso dos últimos anos como músico, musicólogo e director da Capilla Flamenca, Dirk Snellings destaca o aprofundamento estilístico das diferentes escolas polifónicas e um conhecimento cada vez mais claro da linguagem de cada compositor. “Há uma gramática comum, mas quanto mais mergulhamos no repertório, mais nos apercebemos dos traços característicos de cada autor. As diferenças são muito maiores do que parecem à primeira vista.”

Outro aspecto que o apaixona é a capacidade de improvisar peças polifónicas a partir de uma melodia dada. “Sabemos hoje cada vez mais sobre o treino musical recebido na Renascença. Por exemplo, os alunos de Josquin Desprez eram habituados a improvisar linhas contrapontísticas logo desde os oito anos, além de aprenderem a ler música e de montarem novas peças, era o chamado ‘cantare supra librum’”, acrescenta. “Ultimamente tenho-me dedicado a desenvolver esta prática com os meus colegas da Capilla Flamenca. E algo que nos dá grande prazer e que espero nos traga ainda maior liberdade e flexibilidade interpretativa pois há muitas obras escritas, como as de Agricola, que parecem ter nascido da improvisação.”

O baixo Dirk Snellings é o director artístico deste importante agrupamento belga





Música das músicas ***para o Cântico dos Cânticos***

O agrupamento Capilla Flamenca faz a sua estreia no Festival da Póvoa de Varzim com música polifónica dos séculos XIV a XVI inspirada no amor sensual e espiritual do lendário poema atribuído a Salomão. *Cristina Fernandes*